

Rimas de Ouro e Sândalo: a presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis:

Profa. Dra. Daniela Mantarro Callipo (UNESP- Assis)¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é demonstrar a importância da presença de Victor Hugo nas crônicas machadianas escritas de 1859 a 1897 e analisar a necessidade sentida por Machado de Assis de estabelecer, enquanto cronista, o diálogo com esse poderoso influxo representado pela vasta produção hugoana.

Palavras-chave: Machado de Assis, crônicas, presença hugoana, literatura comparada.

Introdução

Machado de Assis escreveu mais de seiscentas crônicas entre 1859 e 1897, colaborando para vários jornais e tornando-se um especialista no gênero. Essas contribuições para os periódicos comprovam ser o talento do grande escritor brasileiro ainda mais amplo do que se supunha e, de modo algum, podem ser desprezadas, porque pertencem a um “gênero menor”. A crônica machadiana tem valor de documento histórico indiscutível e uma fascinante profundidade literária sob uma forma simples, familiar, corriqueira: “por baixo delas há sempre muita riqueza para o leitor explorar”. (CÂNDIDO, 1992, p.19).

Riqueza que pode revelar, inclusive, o patrimônio cultural de Machado de Assis: em suas colaborações para os jornais, o escritor fluminense não hesitava em recorrer a grandes nomes da literatura a fim de explicar um pensamento, concluir uma idéia ou demonstrar suas habilidades para construir divertidas paródias e provocar reflexões em seus leitores. Dentre esses grandes nomes, destacam-se os mestres da literatura francesa.

Sua biblioteca pessoal confirma a preferência pela leitura de obras da pátria de Voltaire: “55,53% dos livros deste acervo são escritos em francês, enquanto somente 23,95% o são em português” (JOBIM, 2001, p. 16), o que indica a importância desse idioma para sua formação.

Em suas crônicas pode-se facilmente verificar a marcante presença francesa por meio das duas centenas de citações dos mais variados autores franceses, o que representa a importante e significativa média de uma citação francesa em cada três crônicas.

Grande parte dessas citações já circulava no meio intelectual brasileiro do oitocentos, por essa razão, é preciso ter certa cautela ao aceitar a opinião de John Gledson que afirma ter Machado se referido muitas vezes a “fontes literárias e históricas que os seus próprios leitores (ou muitos deles) provavelmente desconheciam./.../ Cita escritores tendo a certeza de que não serão familiares a muitos leitores, que não entenderão sequer o que é dito”. (ASSIS, 1989, p.15). Essas citações e expressões podem causar estranheza ao leitor atual; todavia, para os contemporâneos do autor de *Helena*, cuja bagagem literária incluía autores como Gonçalves Dias ou Álvares de Azevedo, as citações retiradas das obras de Musset, Lamartine, Dumas, para mencionar apenas escritores franceses, eram há muito conhecidas. Para Alfredo Bosi (2004, p. 9), “Machado não era um jornalista provinciano e míope, nem a cultura letrada brasileira do seu tempo era marginal e incapaz de dialogar com as pontas de lança da inteligência do Ocidente”. Dados da Biblioteca Municipal do

¹ Daniela MANTARRO CALLIPO, Doutora em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de São Paulo, professora de Língua e Literatura Francesa do Departamento de Letras Modernas da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Campus de Assis. e-mail: callipo@assis.unesp.br

Rio de Janeiro publicados na *Gazeta de Notícias* de 2 de setembro de 1875 confirmam o interesse da população pela literatura francesa: das 1269 obras consultadas naquele mês, 313 eram francesas.

As citações feitas por Machado podem revelar suas leituras: por meio delas, pode-se perceber que lia os clássicos, como Racine e Corneille, as comédias de Beaumarchais e Marivaux e seus contemporâneos, como Dumas Fils, Feuillet e Scribe, autores que fizeram enorme sucesso nos meados do século XIX. Algumas citações francesas foram retiradas de romances variados, como os de Dumas, Voltaire, Stendhal e Zola. Outras, emprestadas de textos filosóficos como os de Rousseau, Pascal e Montaigne. Finalmente, há a presença importante das fábulas de La Fontaine, de canções populares ou de operetas, e uma longa lista de provérbios, máximas e frases que se tornaram célebres e remetem a Mme de Sévigné, La Rochefoucault, e La Bruyère.

Em meio a tantos autores, uma presença se destaca: a de Victor Hugo.

Reconhecido como chefe do movimento romântico, Victor Hugo teve papel político também importante e representou uma espécie de gigante literário francês, ao longo de mais de sessenta anos do século XIX, já que foi teatrólogo, romancista, tribuno e, sobretudo, poeta. O manancial de frases cunhadas por ele, seja em seus prefácios, seja em suas obras líricas ou de ficção, justifica o estudo de sua presença na nossa literatura, pela inegável recepção que teve. De que modo, porém, teria ele sido apreendido pelo autor de *Dom Casmurro*?

Desde muito cedo, Machado de Assis revela não somente conhecer bem o escritor francês, como também ter memorizado vários trechos de suas obras, utilizados para ilustrar um pensamento seu em relação a algum fato comentado nas crônicas. Massa (1971) é categórico ao afirmar ser possível reconhecer a leitura da obra de Victor Hugo já em 1858, especialmente a de *Notre Dame de Paris*. Na verdade, um ano antes, ele havia publicado na *Marmota* um poema com uma epígrafe retirada do livro *Odes e Ballades*. A partir de então, o jovem poeta teria, ainda segundo Massa, bebido várias vezes em fontes hugoanas. Estariam presentes nos poemas escritos nessa fase o “entusiasmo” despertado pelo autor de *Lucrece Borgia*, seus ideais missionários, os quais concebem o poeta como mago que deve guiar um povo.

Também para Eugênio Gomes (1949), a influência hugoana é marcante e facilmente perceptível: as *Ocidentais* seriam uma réplica às *Orientales*, o poema *Abîme* teria inspirado *Círculo Vicioso*, *Le Satyre* seria a fonte de *Viver*.

Os textos de crítica teatral escritos no decênio de 1860 estão repletos de citações da obra hugoana. A crítica literária feita por Machado de Assis nessa época também faz alusões a Victor Hugo e a seus livros, e nas poucas cartas que Machado de Assis deixou, é possível identificar alguns comentários a seu respeito.

Nos romances, porém, a presença do autor de *L'Année Terrible* é bastante discreta: quase não se encontram citações de sua obra, a não ser em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no qual, segundo Eugênio Gomes (1949), seria possível “surpreender os efeitos mais significativos da influência hugoana sobre o grande escritor”. Para o crítico, o capítulo do delírio conteria vários elementos caros ao autor de *L'Art d'être grand-père*: a terminologia, a expressão antitética, e a concepção filosófica da natureza. Em *Esau e Jacó*, segundo Gilberto Pinheiro Passos (1996, p.54), haveria referências a um poema de *Feuilles d'automne*. Como se pode observar, é muito pouco em comparação às crônicas escritas no mesmo período.

Nas peças escritas por Machado de Assis não se encontram versos de Victor Hugo, nem tampouco seu estilo ou influência. A presença hugoana se destaca, realmente, nas crônicas escritas ao longo dos quarenta anos de produção jornalística. São inúmeras citações, alusões a personagens, comentários a respeito dos poemas, romances, peças que indicam seu interesse pela obra hugoana.

Primeiramente, pode-se afirmar ser essa presença marcante: dentre as 200 citações francesas feitas por Machado de Assis nas mais de seiscentas crônicas que escreveu, 27 são de autoria do

criador de Fantine. Os números indicam ter a leitura da obra de Victor Hugo marcado o cronista, posto que esse cálculo não inclui as dezenas de alusões feitas ao escritor francês ou a suas personagens, nem as citações hugoanas presentes nos volumes *Crítica Teatral* e *Crítica Literária*. Como se pode verificar, o conjunto de tal presença é indicativo da necessidade de estabelecer um diálogo com esse poderoso influxo representado pela vasta produção hugoana. Como explicar tantas citações? Não seria arriscado julgar, como Carneiro Leão (1960) que Machado de Assis sofreu “uma influência profunda de Victor Hugo”, o qual exercia uma “força sugestiva” sobre o autor de *Dom Casmurro*?

É preciso analisar de que maneira a presença hugoana se manifestou nas crônicas de Machado de Assis. A leitura de seus textos jornalísticos revela que o autor de *Châtiments* teve grande importância na construção do seu patrimônio cultural e deixou em parte de sua obra marcas profundas, nem sempre perceptíveis para todos os leitores.

Como essa figura polêmica, vaidosa, contraditória, risível e trágica, dona de um talento incomparável, marcou um jovem carioca ambicioso, o qual se transformaria em uma sumidade retraída e discreta?

É o que será mostrado a seguir.

1. A presença hugoana nas crônicas de Machado de Assis

Em 1857, surge a primeira manifestação da obra hugoana em um texto do jovem fluminense. O poema “A...”, publicado na *Marmota* de 22 de dezembro daquele ano, tem como epígrafe versos do vate francês, retirados de “A toi”, das *Odes et Ballades*, escrito em 1821 (HUGO, 1968, p. 194-196):

A ...
Viens, je suis dans la nuit, mais je puis voir le jour!
Victor Hugo

Oh! se eu pudesse respirar um beijo
O teu hálito ardente e vaporoso,
E na febre do amor e do delírio
Sobre o teu seio estremecer de gozo!.../
(MASSA, 1965, p. 48)

A presença de Victor Hugo não revela, entretanto, influência do autor em sua produção poética. Ela indica, contudo, estar o jovem poeta lendo a obra do autor de *Notre Dame de Paris*. Nessa fase, já teria sido despertado seu interesse pelos versos românticos que “sabia de cor e pelos prefácios dos dramas, repletos de reflexões a respeito da função do escritor na sociedade. Provavelmente, “Machadinho” já teria começado a estudar o prefácio de *Cromwell* e toda a dramaturgia do escritor francês, refletindo acerca da função do teatro. Não deixa, contudo, de seguir as tendências de sua época: em 1859, ao iniciar a carreira de crítico teatral, reafirma sua preferência pela escola realista “por mais sensata, mais natural, e de mais iniciativa moralizadora e civilizadora” (ASSIS, 1938, p.30).

No decênio de 1860, o estudo dos folhetins revela o conhecimento cada vez mais profundo da obra hugoana. O colaborador do *Diário do Rio de Janeiro* faz referências a *Marion Delorme*, *Hernani*, *Angelo*, *Lucrecia Borgia*, ao prefácio de *Cromwell*, a *Les Misérables*, comenta a “prosa lírica” do poeta francês e cita versos das *Orientales* e *Les Rayons et les Ombres*. Publica *Crisálidas* em 1864, e nesse livro de versos, MASSA (1971, p. 377-418) percebe a presença do “Ticiano da literatura” em poemas como “Stella”, e “Caridade”.

Nessa mesma época, escreve cinco peças. Esses textos não trazem nenhuma referência a Victor Hugo, nenhuma alusão à sua obra. Curiosamente, portanto, Machado de Assis lembrava os

prefácios hugoanos em suas crônicas para ilustrar sua definição da missão civilizadora do teatro, afirmava ser partidário da escola de Dumas Fils e escrevia como Musset!

Victor Hugo lança seu romance mais famoso, *Les Misérables*, em 1862. Dois anos depois, publica *William Shakespeare*. Em 1865, *Les Chansons des Rues et des Bois* e, no ano seguinte, *Les Travailleurs de la Mer*, concluindo o decênio com a publicação de *L'Homme qui rit*. É difícil afirmar terem sido todas essas obras lidas pelo escritor fluminense, mas não restam dúvidas quanto à história de Jean Valjean, nem ao drama de Gilliat, traduzido por Machado, aos vinte e sete anos, com competência e seriedade. No decênio de 1870, o cronista faz referências a *Les Contemplations* na *Semana Ilustrada* e, na *Ilustração Brasileira*, alude à personagem Javert dos *Misérables*. Menciona, ainda uma vez, *Les Orientales* e chama Victor Hugo de “um dos maiores poetas do século”. Publica mais uma coletânea de poesias, seus primeiros contos e quatro romances. Em nenhuma destas obras, uma epígrafe ou citação do escritor francês. O leitor entusiasmado das *Contemplations* e das *Feuilles d'Automne* não cita o autor dessas obras. Às vésperas de completar quarenta anos, o escritor brasileiro busca outras fontes para sua sede de conhecimento, distanciando-se, de forma crítica, dos modelos do passado.

Em 1878, escreve uma crônica a respeito de um *calembour* feito por Victor Hugo durante o cerco prussiano que parece indicar uma ruptura com o autor de sua juventude. A “triste forma de espírito”, “cultivada pelo grande poeta”, provoca assombro no escritor fluminense. A pena “cai-lhe” das mãos diante de um *quatrain* metrificado de muito mau-gosto. É a primeira crítica feita abertamente ao autor das *Odes et Ballades*

Entre 1883 e 1886, Machado de Assis assina suas “Balas de Estalo” com o pseudônimo de Lélío. Nesses textos, percebe-se o princípio de um distanciamento crítico em relação à França, embora as citações continuem abundantes e o autor de *Les Voix Intérieures* seja citado em três textos. A admiração pelo velho mundo é que arrefece: em 22 de julho de 1883, por exemplo, ele comenta o “vezo de tudo copiarmos ao estrangeiro e afirma que a França “é um país sórdido” (ASSIS, 1959, p. 416).

Em seguida, Machado de Assis passa a colaborar para a coluna “Gazeta de Holanda” e, durante dois anos trata da política do país, exercitando sua habilidade de compor versos. Não há referências explícitas a Victor Hugo. Finalmente, entre 1888 e 1889, assina a coluna “Bons Dias” e ignora o criador de Quasímodo. É preciso lembrar que 1881 é o ano da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesse romance repleto de citações francesas, analisadas por Gilberto P. Passos em seu *A Poética do legado* (1996), não há referências ao autor de *L'Homme qui rit*, excetuando-se o capítulo do “Delírio”, no qual Eugênio Gomes teria percebido sua presença.

O decênio de 1880 termina deixando marcas profundas em Machado de Assis: foi o “início de sua glorificação em vida” (Facioli in: BOSI, 1982, p. 42) e da solidificação de sua carreira.

Nesse mesmo período, morre Victor Hugo. Machado indigna-se com o comportamento de aspirantes a poetas que se aproveitam da morte do mestre francês para tornarem-se célebres e escreve duas crônicas mordazes e ferinas a respeito do assunto, além de compor o belíssimo poema “1802-1885” em homenagem ao criador de Jean-Valjean.

No decênio de 1890, a presença hugoana torna-se mais significativa nos textos jornalísticos escritos por Machado de Assis. Das vinte e sete citações encontradas de 1861 a 1897, doze foram utilizadas em crônicas escritas entre 1892 e 1897. É a época da publicação de *Quincas Borba*, dos contos reunidos sob o título de *Várias Histórias*, e de *Páginas Recolhidas*. Naquele romance, uma forte presença francesa (V. PASSOS, 2000), mas nenhuma alusão ao exilado de Guernesey.

Na virada do século, ocorre a publicação de *Dom Casmurro*. Victor Hugo continua ausente. Em 1904, o escritor brasileiro publica *Esau e Jacó*. A lista de autores citados é imensa e nele surge, discretamente, o Victor Hugo das *Feuilles d'Automne*, quando o narrador lembra o “pão inteiro e

dividido do poeta”, citação analisada por Passos (1986b, p. 55). Quatro anos depois, seu último romance, o *Memorial de Aires*. Em nenhuma dessas obras, destaca-se a presença hugoana.

Se um estudioso fosse analisar a presença de Victor Hugo nas obras de Machado de Assis e excluísse as crônicas, chegaria à conclusão de que o poeta francês não foi importante para a formação intelectual de nosso escritor, nem se destacava entre seus autores preferidos. Excluir, portanto, sua produção jornalística para verificar as relações dialógicas que ele estabeleceu com outros escritores, resulta no empobrecimento drástico de seu patrimônio cultural e na interpretação equivocada da importância do “mago da poesia” para o Bruxo do Cosme Velho. A quantidade de citações retiradas da obra de Victor Hugo e inseridas nas crônicas machadianas impressiona e não é gratuita. Não por acaso, o escritor francês é o autor mais citado pelo cronista fluminense em quarenta anos de contribuição para os principais periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Citado pelo idealista e liberal, pelo cauteloso da maturidade e pelo “moralista cético” que se tornaria mais tarde.

No início de sua carreira jornalística, Machado de Assis citava o autor de *Angelo* por compartilhar de suas opiniões acerca do teatro; com o tempo, passou a estabelecer um diálogo com o gigante das Letras e a utilizar as citações a serviço de seu próprio texto, modificando-as de acordo com seus interesses, ora compactuando com as idéias de seu autor, ora negando-as e, até mesmo, ridicularizando-as.

O modelo seguido pelo Machadinho do decênio de 1860 passou a ser evitado pelo celebrado autor das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* entre 1870 e 1880. Mas, alguns anos após a morte de Victor Hugo, por que o maduro Machado volta a chamá-lo para ilustrar suas idéias?

2. O “doce leite romântico”

No decênio de 1890, a presença hugoana se intensifica: são treze citações retiradas das *Contemplations*, *Feuilles d'Automne*, *Les Rayons et les Ombres*, *Chants du Crépuscule*, *Les Misérables* e, principalmente, das *Orientales*.

Os dados apontam qual foi o Victor Hugo que marcou Machado de Assis. Sem dúvida, o da batalha do *Hernani*, e também o romancista dos anos 1860; o vate dos versos escritos entre 1829 e 1850 mas, de modo inigualável, o criador de *Sara la baigneuse*. O escritor brasileiro parece ignorar as obras hugoanas escritas a partir de 1870, a não ser por algumas alusões feitas a *L'Année Terrible*. Isso quer dizer que, dentre todas as facetas do mestre francês, a mais marcante para o autor de *Crisálidas* foi aquela do genial poeta que celebrou o exotismo, a sensualidade e a beleza do Oriente por meio de versos fortes, inovadores, simples, originais.

O resultado do levantamento explica, também, por que as coletâneas poéticas de Victor Hugo não estão na lista feita por Glória Vianna (in: JOBIM, 2001, p. 128-129) dos volumes mais manuseados por Machado de Assis. Constam da biblioteca do escritor uma edição de 1875 que contém: *Les Orientales*, *Les Feuilles d'Automne* e *Les Chants du Crépuscule*, uma edição de 1873 de *Odes et Ballades*, uma edição de 1872 de *Les Contemplations* e edições de 1875 e 1877 de *La Légende des Siècles*. Ora, se a primeira citação dessas obras data de 1857, parece claro não terem sido esses os exemplares estudados na sua juventude. Provavelmente, adquiriu-os mais tarde, apenas para tê-los por perto: seu conteúdo já estava memorizado havia muitos anos.

O aumento de citações nas crônicas corresponde a seu quase desaparecimento nos contos e romances. Onde se conclui que o cronista tem um perfil próprio, muito diferente daquele do respeitável patrono da ABL - muito parecido com o de Machadinho.

Esse Machadinho da “pena azeitada”, criado com “leite romântico”, teria sobrevivido no cronista.

Em 24 de novembro de 1883, “Lélio” confessa ter ainda “um resto de costela romântica”. Em 1892, o narrador explica essa sensação: ele fora criado em meio ao romantismo e, dificilmente, poderia adaptar-se aos novos parâmetros:

Gente que mamou leite romântico, pode meter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gótica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr à bebida da infância. Oh! meu doce leite romântico! [...] Cinco odaliscas ... Parei; lidas essas primeiras palavras, senti-me necessitado de tomar fôlego. [...] Todas as *orientais* de Hugo vieram chover sobre mim as suas rimas de ouro e sândalo. (ASSIS, 1962, 194, vol. 1)

Tais comentários parecem demonstrar que a juventude de Machado de Assis estava intrinsecamente ligada ao romantismo e, por consequência, a Victor Hugo. Quando algum fato político ou histórico o fazia recordar o passado, evocava um dos autores preferidos de sua mocidade para ajudá-lo a recompor suas lembranças; talvez, para libertar o Machadinho esquecido (ou contido) em meio à papelada referente à “última quinzena do trimestre adicional” da Secretaria da Agricultura. O funcionário público, autor discreto e ponderado, dava lugar ao idealista romântico, impetuoso, galante, divertido, nem que fosse por um breve instante:

por um breve momento, o idealismo e o otimismo, que ele abandonara muitos anos atrás, mostram de novo sua face, para apenas confessar sua duvidosa pretensão a uma existência sólida. (GLEDSON, 2003, p. 183)

Esta crônica, escrita em 27 de maio de 1894, acentua a ligação estabelecida entre juventude - poesia - oriente - romantismo:

Morreu um árabe, morador na rua do Senhor dos Passos. /.../ Mas o que vos parece nada, por não conhecerdes sequer esse árabe falecido, foi mais um golpe nas minhas reminiscências românticas. Nunca desliguei o árabe destas três cousas: deserto, cavalo e tenda. Que importa houvesse uma civilização árabe, com alcaides e bibliotecas? Não falo da civilização, falo do romantismo, que alguma vez tratou do árabe civilizado, mas com tal aspecto, que a imaginação não chegava a desmembrar dele a tenda e o cavalo.

Quando eu cheguei à vida, já o romantismo se despedia dela. [...]

Miserável romantismo, assim te vais aos pedaços. A anemia tirou-te a pouca vida que te restava, a corrupção não consente sequer que fiquem os teus ossos para memória. Adeus, Árabes! adeus, tendas! adeus, deserto! Cimitarras, adeus! adeus! (IBIDEM, p. 107)

No final do século, Machado de Assis vê a chegada de uma nova era à qual parece não se adaptar. Victor Hugo transporta-o para uma época de “ousadia”, representada pela “intenção de reproduzir a verdade”, quando ele acreditava poder reclamar dos atos do governo, educar pelo teatro, cobrar promessas da câmara municipal. O cronista não resiste às memórias de um outro tempo: “mas é que há certas memórias que são como pedaços da gente, em que não podemos tocar sem algum gozo e dor, mistura de que se fazem saudades” (ASSIS, 1962, p. 281, vol. 3).

Conclusão

Machado de Assis leu a obra de Victor Hugo, admirou-a, memorizou-a e, quando jovem, tentou seguir as idéias do autor do prefácio de *Cromwell*. Essa admiração, entretanto, nunca foi cega. Ele condenou os excessos da escola hugoísta liderada por Sílvio Romero, escola esta “que buscava os efeitos em certos meios puramente mecânicos” e aconselhou a evitar aquele condor que, “à força de voar em tantas estrofes, há doze anos, acabou por cair no chão, onde foi apanhado e empalhado” (ASSIS, 1953, p. 239). Igualmente, soube olhar para o autor de *Les Contemplations* com olhos críticos, retirando de sua obra somente os aspectos que poderiam beneficiar o seu amadurecimento como escritor. Nunca procurou imitá-lo e chegou a condenar “os macaqueadores

de Victor Hugo, que julgam ter entrado na família do poeta, só com lhe reproduzir a antítese e a pompa da versificação. O discípulo é outra coisa: embebe-se na lição do mestre, assimila ao seu espírito o espírito do modelo.” (ASSIS, 1953, p. 119). Evidentemente, “os macaqueadores de Victor Hugo” nada mais faziam, além de seguir as tendências de uma época na qual se buscava criar uma identidade nacional e a França era vista como um pólo irradiador de cultura.

O colaborador da *Gazeta de Notícias* possuía uma visão bastante criteriosa da França e de seus escritores e, soube, como poucos, colocá-los à mercê de seu discurso. Recriando as citações, dispondo-as conforme sua vontade, apropriou-se delas, ilustrando a história de seu país por meio de textos estrangeiros e propondo uma literatura nacional que aceitasse o elemento externo de maneira consciente, estabelecendo com ele trocas e empréstimos, deturpando-o numerosas vezes, com a intenção clara de aproveitar somente o que lhe interessava. (v. PERRONE MOISÉS, 1990, p. 96). Houve, portanto, uma seleção baseada em um conhecimento amplo da cultura francesa, de acordo com as tendências da época, mas também com escolhas pessoais, denotadoras de independência em suas leituras.

A presença de Victor Hugo nas crônicas de Machado de Assis parece revelar não a influência do poeta francês na obra do escritor brasileiro, mas o estabelecimento de uma prática intertextual sempre renovadora. Nessa prática, o caráter grandiloquente do autor de *L'Année Terrible* cede lugar ao tom predominantemente humorístico dos textos jornalísticos, ocorrendo, assim, uma dessacralização da obra hugoana. Além disso, a passagem de um veículo a outro, ou seja, do livro ao jornal, permite ao texto citado ou parodiado ganhar em amplitude de atuação, porque guarda elementos de sua origem e a eles se acresce.

Victor Hugo surge, então, como um imenso repositório de frases, personagens e situações que, além de serem tributárias do sucesso, pertenciam à maior figura literária do século XIX na França. Matizar tal repertório, inserindo-o em outro texto/contexto é a marca registrada do cronista, que sabe dar ao seu espaço no jornal, o verniz da citação e, ao mesmo tempo, consegue impor a Victor Hugo e sua obra uma dimensão “brasileira”.

O poeta das *Orientales* está vinculado à juventude de Machado de Assis, aos poetas românticos de 1830. Por essa razão, sua quase ausência nos romances e contos. Nas obras de sua maturidade, o autor brasileiro buscou afastar-se das escolas já ultrapassadas e citar, preferentemente, escritores clássicos. Construiu de forma meticulosa a imagem que gostaria de perenizar: aquela do literato de fina ironia, erudição inconteste, humor elegante e estudo profundo dos caracteres.

Por isso, a presença hugoana nas crônicas. Feitas para serem esquecidas no dia seguinte ao da publicação, elaboradas “ao correr da pena”, assinadas com pseudônimos, podem ser o campo do experimento, da ousadia, do pensamento livre e sem amarras. Lélío dos Anzóis Carapuça pode atacar o governo, ridicularizar escritores renomados, despedir-se do leitor com insultos, mandando-o para “o diabo que o carregue”. Em “A Semana”, o cronista tem o anonimato total. Nessa série, ressurgem com força a presença do ícone do romantismo na França e com ele, o impetuoso colaborador da *Gazeta*, tão diferente do “escritor oficial do Estado”, estabelece um diálogo permeado de versos, zombaria e lembranças.

Victor Hugo representava para o Bruxo do Cosme Velho uma viagem em direção ao passado romântico, à sua juventude liberal, aos seus ideais sufocados pela burocracia e pelo *struggle for life*.

Protegido pelo pseudônimo de Sileno, Gil, Lélío, Boas Noites, bastava-lhe apenas uma boa razão para fazer calar o comedido, discreto, aristocrático, recatado Machado de Assis, mesmo por um breve instante. Essa boa razão – que podia ser um presente de sultão ao papa, uma guerra civil, a imundície das ruas do Rio de Janeiro, o desligamento de um tenor de sua *troupe* – fazia-o ressurgir e, algumas vezes, indignar-se; outras, emocionar-se.

Escondido sob as barbas brancas e o *pince-nez* do respeitado autor de *Dom Casmurro*, estava Machado, o rapaz que sonhou com um teatro nacional, disse impérios aos políticos, encantou-se com os livros trazidos pelo paquete, envolveu-se em polêmicas, memorizou as *Orientales*, estudou as *Orientales*, aprendeu a fazer versos com as *Orientales*.

Bibliografia

ASSIS, Machado de. *Bons Dias!* org. John Gledson, São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. *Crítica Teatral*. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.

_____. *Crítica Literária*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953a.

_____. *Correspondência*. Rio de Janeiro: Jackson, 1953b.

_____. *Crônicas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1962.

_____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1959, Vol. III.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1995.

_____. *Crônicas de Lúlio*. org. R. Magalhães Jr., Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

BOSI, Alfredo. *O Teatro Político nas Crônicas de Machado de Assis*. Série Literatura. nº 1. São Paulo, IEA, 2004.

_____. *O Enigma do Olhar*. São Paulo: Ática, 1999.

BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis - Antologia e Estudos*. São Paulo: Ática, 1982

CÂNDIDO, A. A *Crônica*. *O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARNEIRO LEÃO. *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

FARIA, João Roberto. *Idéias Teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMES, Eugênio. *Espelho contra espelho*. São Paulo: IPE, 1949.

HUGO, Victor. *Les Chants du Crépuscule, Les Voix Intérieures, Les Rayons et les Ombres*. Paris: Gallimard, 1970.

_____. *Odes et Ballades, Les Orientales*. Paris: GF Flammarion, 1968.

JOBIM, José Luís. *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MASSA, Jean- Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Conselho Nacional de Cultura, 1971.

_____. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1965.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. *A poética do legado*. São Paulo: Annablume, 1996 a.

_____. *As Sugestões do Conselheiro. A França em Machado de Assis. Esaú e Jacó e Memorial de Aires*. São Paulo: Ática, 1996 b.

_____. *Napoleão de Botafogo*. São Paulo: Annablume, 2000.

_____. *Cintilações francesas: Revista da Sociedade Filomática, Machado de Assis e José de Alencar*. São Paulo: Nankin, 2006.

PERRONE-MOISÉS, Leila. “Literatura comparada, intertexto e antropofagia” in *Flores da escrivãzinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.